

O Valor econômico da liberdade

Até aqui, a vantagem da economia mista recaiu na maior eficiência alocativa dos mecanismos de mercado em relação ao sistema comunista, e no fato de as democracias poderem oferecer políticas sociais adequadas que garantam o direito à saúde e à educação. O argumento, no entanto, ainda não está completo. Amartya Sen chama a atenção para outro aspecto da questão: no comunismo haveria uma perda social ao negar-se às pessoas o direito de interagirem uma com as outras. O economista indiano levanta a seguinte questão: imagine que o mesmo resultado econômico fosse gerado pelo sistema centralizado (coisa que sabemos não ser possível). Ou seja, as pessoas, tendo contribuído com idêntica cota de sacrifício em relação ao outro sistema, dispõem, ao final, da mesma cesta de consumo que na economia de mercado. Poder-se-ia concluir que elas estarão igualmente bem nos dois casos? Não, responde Sen, ainda falta alguma coisa: a liberdade das pessoas de decidirem onde trabalhar, o que produzir o que consumir etc. Na economia de mercado, sabemos que os resultados alcançados correspondem a escolhas maximizadoras dos indivíduos, nas quais eles revelam suas preferências. No comunismo, a decisão de produção e de consumo é imposta de cima para baixo, obedecendo à intenção do órgão planejador. Por mais que o planejamento centralizado tente incorporar o que espera ser o desejo da população, ele não tem como sabê-lo exatamente.

A única maneira de o sistema de produção e consumo efetivamente considerar os desejos individuais é deixando as pessoas atuar livremente como agentes de mercado para que elas manifestem suas disposições econômicas. A liberdade pessoal tem valor em si mesmo independentemente do seu efeito sobre o nível de produção alcançável.

Amartya Sen assevera que a liberdade é mais do que um meio eficiente para o desenvolvimento (papel instrumental): ela é um critério de desenvolvimento. O papel constitutivo da liberdade refere-se à sua importância no enriquecimento da vida humana. Para Sen, e concordamos com ele, o desenvolvimento envolve a expansão das liberdades humanas. A qual tipo de liberdade ele se refere? Sen fala de algumas categorias de liberdade que se complementam e interagem umas com as outras. Ele não se prende apenas à liberdade econômica, no sentido da liberdade das pessoas para utilizarem e trocarem entre si recursos econômicos e bens finais. Refere-se também a quatro outros tipos de liberdade: a liberdade política típica de uma democracia (não só de exercer o direito de votar, mas também o de fiscalizar e criticar as autoridades, liberdade de expressão etc.) a oportunidade de receber educação básica e assistência médica; a chamada garantia de transparência, isto é, o direito a informações que assegurem a lisura de uma transação, evitando-se fraudes, corrupção, etc; e por fim, a liberdade denominada de segurança protetora: a liberdade de ser acolhido por uma rede de segurança social contra a miséria.

Observe que Sen enfatiza dois aspectos da liberdade: enquanto um processo de ausência de coerção (liberdade comercial, direitos políticos e civis assegurados etc.), mas também, e muito importante, o aspecto de oportunidade da liberdade: a oportunidade de manter-se vivo e saudável, de permanecer na vida fazendo escolhas. De que adiantaria um país que oferecesse uma gama considerável de liberdade como processo e não desse oportunidade a uma criança de chegar à fase adulta por carecer de serviços de saúde básica? De nada valeria a liberdade processual a uma criança morta.

Não somente a liberdade de mercado, mas todo esse conjunto de liberdades são causas eficientes para o desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que são fins perseguidos pela meta de desenvolvimento: quanto mais desenvolvido um povo, mais assegurados estarão esses direitos e liberdades fundamentais; vice-versa, quanto mais um país menos desenvolvido avançar na conquista destas liberdades, maior o ímpeto do processo de desenvolvimento nesse mesmo país. As liberdades, portanto, funcionam como motor do

desenvolvimento e como critério dele. Esta é a tônica da brilhante análise de Amartya Sen do desenvolvimento como liberdade.

Desenvolvimento para nós é a maximização de oportunidades para a realização de nossas utopias pessoais, de transformar nossas vidas naquilo que almejamos, de sermos capazes de elaborar planos os mais variados para nossas vidas futuras com possibilidade efetiva de realização. O aumento de renda e riqueza atual, especialmente em se tratando de país pobre, é condição importante para essa realização. Mas não é tudo! A teoria do desenvolvimento econômico promete um mundo de realização desde que sejamos capazes de preservar na manutenção das liberdades democráticas e no zelo pelas chamadas “oportunidades de liberdade”. Com isso, políticas econômicas esclarecidas, em países com liberdade econômica, conduzirão ao crescimento econômico e, com ele, às oportunidades de desenvolvimento.

É importante separar a questão do crescimento econômico - aumento de Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de um país - do problema do desenvolvimento. Exemplificando, um critério importante de desenvolvimento é a vida longa dos indivíduos, pois não há realização de sonhos numa vida já extinta. Dados compilados por Sen mostram que nem sempre países com PIB *per capita* mais elevado (corrigido pelo poder de compra das moedas locais) possuem melhor indicador, para seus habitantes, de expectativa de vida ao nascer. De modo geral, não se pode assegurar que níveis mais elevados de renda ou riqueza *per capita* correspondam a indicadores sociais, leque de escolhas etc. mais favoráveis. Não obstante, a maior capacidade de gestão de renda de um povo muito auxilia a pavimentar o caminho para o desenvolvimento. A relação entre os dois aspectos é complexa e de mão dupla. Pregamos que o crescimento econômico constitui elemento importante no processo de desenvolvimento, muito embora mesmo um crescimento modesto possa vir associado a avanços nos indicadores de desenvolvimento.